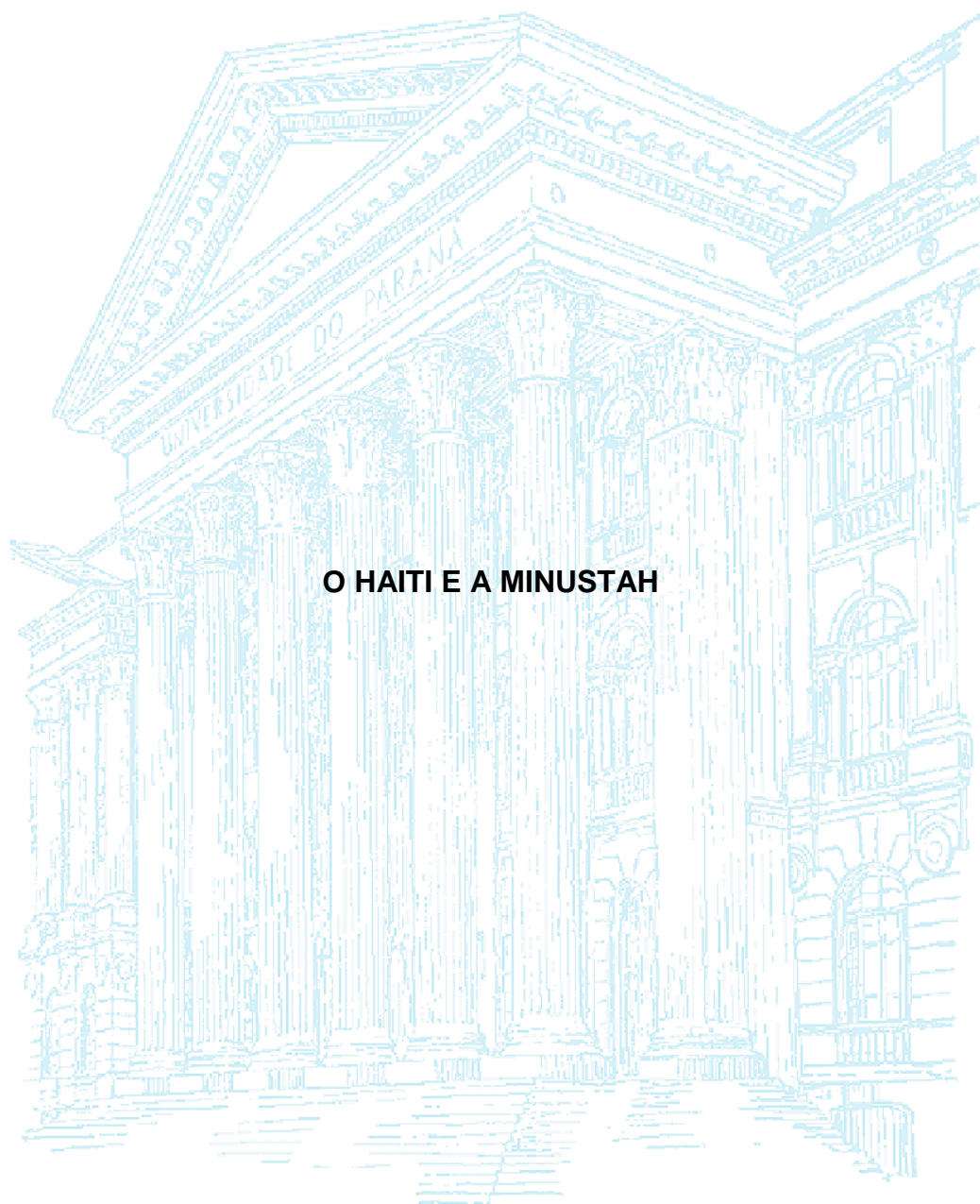


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAFAEL DA MOTTA



O HAITI E A MINUSTAH

CURITIBA

2016

RAFAEL DA MOTTA

O HAITI E A MINUSTAH

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção de grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora: Professora Dra. Denise Maria Maia

CURITIBA

2016

TERMO DE APROVAÇÃO

RAFAEL DA MOTTA

O HAITI E A MINUSTAH

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel no Curso de Ciências Econômicas, Setor Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Denise Maria Maia
Orientadora - Departamento Ciências Econômicas, UFPR

Profa. Dra. Dayani Cris de Aquino
Departamento Ciências Econômicas, UFPR

Profa. Dra. Raquel Rangel de Meireles Guimarães,
Departamento Ciências Econômicas, UFPR

Curitiba, 05 de dezembro de 2016.

Aos meus familiares e verdadeiros amigos, que muito me apoiaram e encorajaram durante este projeto.

RESUMO

O presente trabalho busca entender de que forma intervenções externas em países subdesenvolvidos afeta, de fato, o desenvolver da economia e política locais, especialmente no caso do Haiti. O objetivo do trabalho é verificar quais os impactos da MINUSTAH nos indicadores sociais e econômicos do Haiti. Faz-se, portanto, uma busca histórica do país e seu desenvolvimento até meados de 2015, utilizando sites oficiais, tais como da Organização das Nações Unidas (ONU) e do próprio Haiti, e grandes nomes da economia mundial. De acordo com a pesquisa, a MINUSTAH traz benefícios para a nação, mas não é tão eficiente quanto costumam publicitar e as doações não são direcionadas adequadamente, fazendo com que a economia e a política haitiana não evoluam, especialmente com suas próprias forças produtivas.

Palavras chave: Haiti. Economia. MINUSTAH. ONU.

ABSTRACT

The present academic work proposes to understand how external interventions in underdeveloped countries affect, in fact, the development of the local economy and politics, especially in the case of Haiti. The objective of this work is to verify the impact of MINUSTAH on the social and economic indicators of Haiti. Historical search for the country and its development is made until the middle of 2015, using official websites such as the United Nations (UN) and Haiti, and big names in economics. According to the survey, MINUSTAH brings benefits to the nation, but it is not as efficient as it is used to publicize and donations are not properly targeted, causing the Haitian economy and politics not to evolve, especially with their own productive forces.

Keyword: Haiti. Economics. MINUSTAH. UN.

LISTA DE FIGURAS

GRÁFICO 1 - POPULAÇÃO URBANA X RURAL	20
GRÁFICO 2 - EXPECTATIVA DE VIDA.....	23
GRÁFICO 3 - PREVALÊNCIA DE HIV	24
GRÁFICO 4 - DOAÇÕES LÍQUIDAS RECEBIDAS.....	28
GRÁFICO 5 - VALOR ADICIONADO (% DE CRESCIMENTO ANUAL)	29
GRÁFICO 6 - Câmbio Oficial (Gourde por US\$, Média do Ano).....	31

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - MIGRAÇÃO: NÚMERO DE EMIGRANTES	19
TABELA 2 - INDICADORES DEMOGRÁFICOS	21
TABELA 3 - INDICADORES DE TELECOMUNICAÇÕES	26

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	HAITI	10
2.1	HISTÓRICO	10
2.2	INDEPENDÊNCIA: O ÍNICIO DE UMA CRISE POLÍTICA SEM FIM	12
3	MINUSTAH	16
4	COMO VIVE A SOCIEDADE HAITIANA	19
4.1	DADOS POPULACIONAIS	19
4.2	A PRECARIEDADE NA SAÚDE	22
4.3	O ACESSO ÀS TECNOLOGIAS	25
5	ECONOMIA DO HAITI	27
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

No conjunto dos grandes dilemas atuais abordados dentro da Ciência Econômica, observamos como as questões sociais, o desenvolvimento de uma nação e todo o seu impacto podem submergir em meio ao caminho trilhado por um país.

Independente da visão do desenvolvimento e subdesenvolvimento, os detentores do maior capital e influência nas relações econômicas internacionais passam a dar suporte para ações de intervenção: assim nos deparamos com o papel da ONU. Partindo da visão de direitos básicos dos cidadãos, de fato, pela conjuntura histórica e de conflitos, o Haiti faz parte do grupo de países amparados por uma série de programas e organizações com fins filantrópicos e de pacificação, com resultados questionáveis.

Em específico, este trabalho abordará a relação dos impactos de políticas da ONU em vitais e potenciais pontos socioeconômicos que possam representar algum indício de mudança no período de início dos trabalhos até os dias atuais. A abordagem histórica contextualiza o período pós escravocrata e as informações socioeconômicas avaliam de forma mais objetiva a realidade haitiana. Pode-se assim, questionar e observar a relevância de até que ponto intervenções externas tem de fato mudado o destino de países menos favorecidos dentro do cenário internacional.

Para isso, partiremos de uma breve descrição geográfica da nação e faremos uma abordagem histórica, desde sua descoberta até a independência e, por fim, tentar entender a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH). No capítulo posterior, falaremos dos dados populacionais, bem como verificar como vive a sociedade haitiana em termos sociais. Explicaremos como se dá a economia e a política haitiana e, por fim, teceremos algumas considerações finais acerca do trabalho apresentado, a fim de sintetizar nossas impressões sobre o tema proposto.

2 HAITI

A República do Haiti está localizada no Arquipélago Grandes Antilhas, ocupando parte da Ilha de Hispaniola, cujo território é dividido com a República Dominicana. O país tem população estimada em cerca de 10 milhões de habitantes, o que a torna o terceiro maior país do Caribe - depois de Cuba e da vizinha República Dominicana. O território tem 27.750 km² e sua capital é Porto Príncipe (*Port-Au-Prince*, em francês). Suas línguas oficiais são francês e crioulo haitiano (EMBASSY OF HAITI, 2016).

Geograficamente, o país se situa numa região sismicamente ativa, localizada onde a placa tectônica americana encontra-se com a placa tectônica do Caribe. Ambas estão muito próximas, com uma diferença de apenas 2 cm. Isso faz com que a Ilha tenha mais atividades sísmicas que a Falha de *San Andreas*, na Califórnia (WATKINS, 2016).

2.1 HISTÓRICO

A Ilha de Hispaniola foi descoberta por Cristóvão Colombo em 1492 e, desde então, foi ocupada pelos espanhóis, que escravizaram os índios que ali viviam. Até o fim do século XVI, viu sua população nativa ser reduzida em quase sua totalidade, como resultado da escravidão e de diversas epidemias. Os espanhóis, então, passaram a importar escravos africanos (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2016).

Mais tarde, em 1697, o Tratado de *Ryswick*, envolvendo França e Espanha, desmembrou a ilha em duas partes: na parte em qual os habitantes falavam espanhol, se formou a República Dominicana e na parte que falava francês, se formou o Haiti. Ainda nesse tratado, a Espanha transferiu à França o terço oeste do que era a colônia espanhola de Santo Domingo. Entretanto, essa divisão só ficou precisamente delimitada em 1777, com o tratado de *Aranjuez*, no qual os impérios francês e espanhol definiram com precisão a fronteira entre seus respectivos territórios na ilha. Desde então, o país foi a possessão francesa mais relevante nas Américas, sendo importante produtor de café e açúcar. Por volta de 1780, 40% do café importado pela Inglaterra e França tinham como origem a pequena colônia (BIBLIOTECA MUNDIAL DIGITAL, 2016).

Por volta do século XVII, a sociedade haitiana seguia uma hierarquia baseada na cor da pele, classe e riqueza. Ainda que a grande maioria dos habitantes da ilha tivessem ascendência africana, os da classe mais inferior eram justamente escravos africanos e os da classe mais alta eram os mulatos libertos e brancos oriundos do colonizador (CORBELLINI, 2009).

Na segunda metade do séc. XVII, os escravos se rebelaram, abandonavam as plantações e estabeleciam colônias de escravos fugidos em áreas remotas da ilha. Aqueles que conseguiam escapar jogavam pragas nas plantações de seus donos, o que as matava e acabava por facilitar a fuga dos demais. Instituiu-se um conflito armado entre negros escravos e mulatos e brancos proprietários de terra. Em 1791, Toussaint Louverture emergiu como um dos grandes líderes do movimento rebelde negro (ENCICLOPÉDIA ESCOLAR BRITÂNICA, 2006).

Louverture havia estudado, conhecia as campanhas militares de Julius Caesar e possuía as habilidades organizacionais que haviam sido necessárias nas investidas anteriores de libertar os escravos. Ele chegou a se aliar com a Espanha para que esta pudesse tomar de volta a região cedida à França, mas voltou atrás em 1794 quando a França aboliu a escravidão. Despontou mais tarde como chefe das forças armadas francesas no país, mas se rebelou novamente para tentar criar um estado autônomo livre de influência europeia. Após depor o comissário francês no país, ele ainda capturou o comissário espanhol que administrava Santo Domingo e passou então a ter o total controle da ilha, mas não por muito tempo (CORBELLINI, 2016).

Uma nova expedição à ilha foi comandada em 1801 pelos franceses, que capturaram Louverture, mas saíram desta nova ofensiva derrotados, em 1803. Em 1804, após a Batalha de Vertières e mais de 300 anos sob o regime colonial, o Haiti foi declarado independente. Foi o segundo país nas Américas a conseguir o feito e o primeiro estado moderno governado por um povo descendente de africanos. Jean-Jacques Dessalines, um dos líderes do movimento de independência, assumiu como chefe de estado, sendo assassinado dois anos depois. Iniciou-se então uma amarga luta pelo poder entre Henry Christophe e Alexandre Pétion, que dividiu o território Haitiano de 1811 a 1820. Após uma rebelião dentro de seu próprio exército, Christophe se suicidou, abrindo caminho para uma reunificação do território (GORENDER, 2004).

2.2 INDEPENDÊNCIA: O INÍCIO DE UMA CRISE POLÍTICA SEM FIM

Junto com a independência e a abolição da escravidão vieram os graves problemas políticos e sociais. Segundo Galeano (2012), a derrota do exército da França foi uma humilhação que a Europa nunca lhes perdoou e durante um século e meio, o Haiti, culpado de sua liberdade, foi obrigado a pagar para a França uma indenização gigantesca.

Em 1820, após a morte de Christophe e Pétion, Jean-Pierre Boyer, um general mulato, invadiu a parte norte do país e o reunificou. Durante duas décadas de poder, chegou a invadir Santo Domingo, expulsou os espanhóis e impôs a ocupação, que durou até 1844, quando uma força nacionalista de Santo Domingo aproveitou a expulsão de Boyer do poder para reivindicar a independência da região, tornando-se República Dominicana (EMBASSY OF HAITI, 2016).

A França reconheceu a independência do Haiti em 1838, em troca de uma indenização de 150 milhões de francos. Voltaram, então, as relações comerciais entre os dois países. Muitas nações evitaram relações com o Haiti por cerca de 40 anos, para que seu exemplo de independência e abolição da escravidão não “contaminasse” o pensamento da população, especialmente naqueles países que ainda eram escravocratas (LEVINO, 2011).

Segundo Thomas Jefferson [terceiro presidente dos Estados Unidos, de 1801 a 1809, NDC.] é de Haiti que provinha *a peste da rebelião*. Na Carolina do Sul, se encarcerava todo marinheiro negro de um navio do cais, por causa do risco de contágio da peste antiescravagista. No Brasil, essa peste era chamada “haitianismo”. (GALEANO, 2012).

Ainda, a frágil situação política do país, submetida ao controle de tiranos que ignoravam completamente leis e constituições, colaborava para a falta de reconhecimento do país como uma nação independente. Durante 40 anos, o Haiti foi obrigado a pagar mais de 70 milhões de francos como indenização para ganhar reconhecimento internacional. Quando os Estados Unidos finalmente reconheceram a diplomacia do Haiti e enviaram para lá um representante do estado, em 1862, o país começou a obter o reconhecimento também de outras nações (EMBASSY OF HAITI, 2016).

Durante o início do século XX, os Estados Unidos decidiram intervir, ocupando o Haiti de 1915 a 1934. A instabilidade política crônica, as finanças deterioradas e a

relação de exploração com a Europa provocaram inúmeras breves intervenções pela Marinha americana. A justificativa americana era proteger seus cidadãos e interesses financeiros na ilha. Eles tomaram o controle da ilha, estabeleceram uma guarda marinha, tiraram o poder das mãos dos militares e deram a presidência a um mulato, Phillippe Sudre Dartiguenave. Em 1916, tomaram também o controle da República Dominicana, ocupando toda a ilha, até 1924 (OFFICE OF THE HISTORIAN, 2016).

Durante os quase 20 anos de ocupação no Haiti, os americanos alteraram a constituição, estabilizaram a economia e melhoraram a infraestrutura do país. A Marinha americana ainda treinou uma nova Guarda Nacional, uma vez que as forças armadas foram sendo destruídas durante os anos de política instável. Os Estados Unidos permitiram ao Haiti promover eleições livres em 1930. O presidente eleito, Sténio Vincent (1930 – 1941) era um senador com tendências populistas, o que ajudou o Haiti a restabelecer sua autonomia em 1934. Em 1935, ele forçou a aprovação de uma nova constituição que dava poderes para que ele dissolvesse o legislativo e reorganizasse o judiciário (PÉAN, 2013).

Após um breve período democrático, François Duvalier ganhou as eleições de 1957 com ampla vantagem, levantando suspeitas de fraude por parte dos militares, que o apoiavam. Duvalier ficou conhecido pelos populares durante o início de sua gestão como Papa Doc¹, graças ao seu trabalho humanista, especializado em doenças tropicais, principalmente sobre a classe mais pobre. Entretanto, durante seus catorze anos de poder, Papa Doc mostrou que seu real interesse estava mais ligado ao controle do povo do que o cuidado com eles (EMBASSY OF HAITI, 2016).

Em 1964, assumiu seu lado ditatorial, se declarando “presidente por toda a vida”. Graças à brutalidade com que exercia o poder e ao violento exército que fazia sua guarda, manteve-se como presidente até sua morte natural, em 1971. Seu filho Jean-Claude, assumiu o poder então com 19 anos, ficando conhecido como Baby Doc. Adotou muitas das brutais táticas de seu pai. Clamou por assistência internacional e tentou atrair investimentos para as escassas indústrias do país, mas reprimia violentamente qualquer tentativa dos trabalhadores de se organizar. O país se afundou na pobreza e a população era intimidada pelos guardas da presidência, que tentavam a todo custo garantir o poder. O início do fim da era Duvalier se deu com uma visita do Papa João Paulo II em 1983, que viu uma população faminta. Em

¹ Do francês, papai médico (tradução livre)

1986, os cidadãos se revoltaram contra a administração corrupta e violenta de Baby Doc, que pressionado pelos revoltosos e pelos EUA, deixou a presidência e se exilou na França.

O General das Forças Armadas, Henry Namphy, assumiu o Conselho Nacional do governo, um equivalente ao cargo de presidente. Em 1987, uma nova constituição foi aprovada pela população. Eleições gerais chegaram a ser convocadas, mas foram abortadas horas depois do seu início por conta de uma revolta militar que matou algumas dezenas de eleitores. Novas eleições chegaram a ser convocadas em 1988, mas o presidente eleito ocupou sua posição por apenas quatro meses e em seguida foi deposto por Namphy, que foi derrubado meses mais tarde pelo General Prosper Avril.

Avril governou por dois tumultuados anos, até que uma intensa onda de violência se instaurou no país e o levou a renunciar. Instaurou-se, então, um Conselho Eleitoral permanente, que anunciou uma eleição presidencial para 1990, que foi um marco histórico. As eleições, que foram suportadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pelos Estados Unidos, ocorreram sem maiores transtornos, ainda que algumas mortes e casos de violência tenham ocorrido. Um padre católico, Father Jean-Bertrand Aristide foi eleito, graças ao seu conhecido trabalho junto aos pobres.

Em seus primeiros atos, Aristide reduziu a atuação das forças armadas, bem como o orçamento destinado a eles, o que causou uma grande revolta e fez com que acabasse deposto pelo Brigadeiro General Raoul Cédras. Além de depor o presidente, que havia sido eleito com mais de 65% dos votos na última eleição, os militares iniciaram uma ofensiva aos seus apoiadores. Civis eram assassinados como forma de garantir o poder. Em meio as severas medidas de repressão, dezenas de milhares de haitianos fugiram do país em botes, com destino à Flórida, nos Estados Unidos. A guarda costeira americana resgatou, entre 1991 e 1992, mais de 40 mil haitianos. Alguns outros milhares morreram no mar. A situação caótica levou os EUA a condenar o golpe e agir para restaurar o governo de Aristide. O Conselho de Segurança das Nações Unidas também agiu impondo sanções econômicas ao não reconhecer o novo governo.

Após dois anos e meio de sanções e de declarações do presidente americano, Bill Clinton, de que todas as medidas diplomáticas não haviam surtido efeito, em meados de 1994, o Conselho de Segurança da ONU aprovou o envio de tropas de ajuda para restaurar civilidade no país. A invasão militar multinacional foi liderada

pelos Estados Unidos em setembro de 1994, restaurando o poder de Aristide. Seu maior mérito no período remanescente de mandato foi substituir o exército haitiano por uma tropa treinada pelo exército americano.

No fim de seu mandato, em 1995, novas eleições foram convocadas. Essa seria a primeira transição democrática. Aristide não poderia se eleger consecutivamente, então escolheu seu primeiro ministro como sucessor, René Préval. Mais tarde, em 1997, Préval foi acusado de apoiar a fraude da eleição que definia 1/3 do senado, o que não foi notificado às autoridades internacionais. Mais tarde, em 1999, durante uma prolongada crise política, Préval demitiu todos os deputados com mandato vigente e a maioria dos senadores, passando a governar por decreto. Quando finalmente foram feitas novas eleições municipais, presidenciais e de membros do legislativo, Aristide e Préval pressionaram o Conselho Eleitoral a excluir ¼ dos votos, usando uma fórmula que violava os termos da constituição. A fraude nas eleições, evidências de corrupção no governo e violação dos direitos humanos levou os países que ofereciam ajuda humanitária a suspenderem os recursos no ano 2000. Novas eleições foram organizadas naquele mesmo ano, mas estima-se que apenas 10% do eleitorado votou.

O segundo mandato de Aristide, que retornou ao poder em 2000, viu uma intensificação da violência política, recessão econômica e quebra das instituições ligadas ao governo. Algumas semanas após o 200º aniversário de independência do Haiti, em 2004, um movimento rebelde invadiu prédios do governo e acabou por forçar a renúncia de Aristide e seu exílio na África Central. O Chefe de Justiça da Suprema Corte, Boniface Alexandre, assumiu a presidência interina até as novas eleições, em 2006.

Com a renúncia de Aristide e seu quase imediato exílio na República Centro-Africana, o Conselho de Segurança das Nações Unidas cria a resolução 1542 de 2004, que solicita a criação de uma força internacional para assegurar a ordem e a paz no Haiti. Em abril de 2004, criou-se a MINUSTAH² - Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti, a qual falaremos com mais detalhe na próxima seção.

² Sigla derivada do francês: *Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti*, de acordo com o Ministério da Defesa do Brasil (2016).

3 MINUSTAH

A MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti) foi instituída pelo Conselho de Segurança da ONU através da resolução nº 1542 de 30 de abril de 2014. Sobretudo com caráter militar e motivado pela preocupação com a deterioração política e de segurança no Haiti. E ainda “considerando que a situação no Haiti constitui uma ameaça à paz e segurança internacional e para a estabilidade no Caribe, especialmente porque ele poderia causar um êxodo para outros estados na sub-região”.

A MINUSTAH tinha como objetivo inicial ajudar no governo de transição, garantindo um desenvolvimento estável. Também objetivava dar assistência no monitoramento, reestruturação e reforma da Polícia Haitiana, além de ajudar na campanha de desarmamento, desmobilização e reintegração. Ainda previa auxiliar o legislativo na formulação de leis, suportar o processo de reformulação da constituição e, por fim, proteger a própria missão de possíveis ataques dos locais.

Durante a Missão de estabilização foram enviados 6.700 militares e 1.622 policiais de diversas nacionalidades. O Brasil contribuiu com o maior contingente de militares da missão (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2016), que durante 2004 e 2005, promoveu a estabilização do país, a lei e a ordem, dando base para novas eleições. Em fevereiro de 2006, realizaram-se novas eleições para presidente e para a assembleia nacional. Houve suspeita de fraude por parte do Conselho Eleitoral, mas René Préal foi reconhecido como o novo presidente eleito. Seus desafios incluíam lidar com uma criminalidade endêmica e violência entre grupos, restaurar os serviços públicos, reativar a economia e reduzir a extrema pobreza em que se encontravam os cidadãos haitianos.

A missão da MINUSTAH foi estendida, por decisão do Conselho de Segurança da ONU até, no mínimo, 2010 – ano em que seriam realizadas novas eleições. Deveriam prover ajuda na organização, promover o diálogo e evitar novas ondas de violência. Entretanto, foram surpreendidos por um terremoto que devastou o país em 12 de janeiro de 2010. Mais de 220 mil pessoas morreram, incluindo muitos dos militares que participavam da missão, e 1,5 milhões de pessoas ficaram desabrigadas. O terremoto destruiu boa parte da capital e prejudicou a frágil infraestrutura do país, interrompendo um período de crescimento lento e atrasando as eleições previstas para o início daquele ano. Mais uma vez, a ação das Nações Unidas

foi necessária, recrutando todo tipo de ajuda para restaurar condições mínimas de sobrevivência para os haitianos. O Conselho de Segurança sugeriu aumentar o efetivo de militares no país para garantir que a segurança não se tornasse mais um agravante.

Ao longo da missão, especialmente após o catastrófico ano de 2010, onde ocorreu o terremoto de 7.0 Mw (Earthquake Center, USGS), a MINUSTAH passou não só ajudar na estabilização da situação política, mas também auxiliar o país a oferecer (e ter condições de manter) condições mínimas para que a população possa viver com alguma qualidade de vida. Segundo informações do Exército Brasileiro, que participa capitaneando os militares de diversos países na missão, a prestação de serviços de assistência médica, odontológica e distribuição de água potável tem se tornado uma importante função dos missionários. A construção de hospitais, escolas, rodovias e iluminação pública também tem sido parte das atividades dos militares. O Exército mantém, desde 2005, uma Companhia de Engenharia na MINUSTAH para suportar os projetos de infraestrutura que vieram a se tornar necessários.

A MINUSTAH tinha ainda o compromisso de garantir que as eleições, realizadas no final de 2010. O turno final das eleições foi realizado apenas em 2011 e foi vencido pelo músico Michel Martelly. Em 2011 a MINUSTAH foi ajustada e revista, uma vez que a ajuda e intervenção das Nações Unidas eram tão necessárias para a nação. O país ainda estava fragilizado pelo terremoto e sua recuperação era muito lenta. Em contraponto, experimentava pela primeira vez uma transição democrática tranquila entre dois governos de orientações políticas opostas.

Martelly assumiu sob muita expectativa dos haitianos e da comunidade internacional, tendo o apoio de muitos países e instituições, mas resultando em pouca efetividade. Após os cinco anos de seu mandato, os resultados foram bastante limitados, frustrando a população. O fracasso na organização de eleições parlamentares e municipais iniciou uma onda de manifestações cada vez mais agressivas. Postergou-se tanto novas eleições para a composição de um novo parlamento que o mandato de todos os eleitos expirou e o presidente passou a governar por decreto. As eleições parlamentares, que ocorrem em dois turnos, foram realizadas apenas em 2015 e suportadas pelo já frágil Conselho Eleitoral. O segundo turno das eleições parlamentares ocorreu de forma concomitante com as eleições municipais e presidenciais, onde concorreram nada menos que 54 candidatos à

presidência. Cabe ressaltar que menos de 30% do eleitorado compareceu e, novamente, iniciou-se uma onda de manifestações (LEITE, 2016).

Ao longo desse turbulento processo eleitoral, que se estendeu até meados deste ano de 2016, o Haiti solicitou à Organização dos Estados Americanos e à Comunidade dos Estados Latino-americanos e Caribenhos que apoiassem e observassem esse período de transição política. O impasse está ainda sem solução, já que uma comissão de avaliação analisou o pleito e concluiu que houve fraudes em massa, deixando o Haiti em uma situação delicada.

4 COMO VIVE A SOCIEDADE HAITIANA

O Haiti se encontra, atualmente, na 161^o posição³ no ranking que mede o IDH – Índice de Desenvolvimento Humano. A maioria da população (75%), vive em situação de extrema pobreza.

Nesta seção apresentaremos os dados sobre a sociedade haitiana e seu desenvolvimento, especialmente após a entrada da missão no país.

4.1 DADOS POPULACIONAIS

Apesar dos frequentes desastres naturais e dos graves problemas políticos, a população crescia a uma taxa superior a 1,5% anuais até o ano de 2010, porém a um ritmo cada vez menor. Com isso, a população de 0 a 14 anos vem caindo ano após ano, especialmente após o ano 2000. Em contrapartida, tem-se um aumento moderado da população de jovens e adultos (15 a 64 anos), assim como a de idosos (65 anos ou mais). Mas de forma geral, não houve mudanças significativas com relação à população desde o início da MINUSTAH, conforme dados da tabela 2, no final do capítulo.

O início da missão havia freado o crescimento da migração de haitianos, conforme se pode observar na tabela 1. Entretanto, a destruição causada pelo terremoto de 2010 e a lenta recuperação do país voltaram a acelerar esse saldo migratório. Apenas em 2012 foram cerca de 150.000 migrantes, 1,5% da população.

TABELA 1 - MIGRAÇÃO: NÚMERO DE EMIGRANTES

	1977	1982	1987	1992	1997	2002	2007	2012
Milhares de habitantes	97,9	124,9	135,0	140,0	144,9	139,9	138,0	150,0

FONTE: BANCO MUNDIAL, 2016. Elaboração própria.

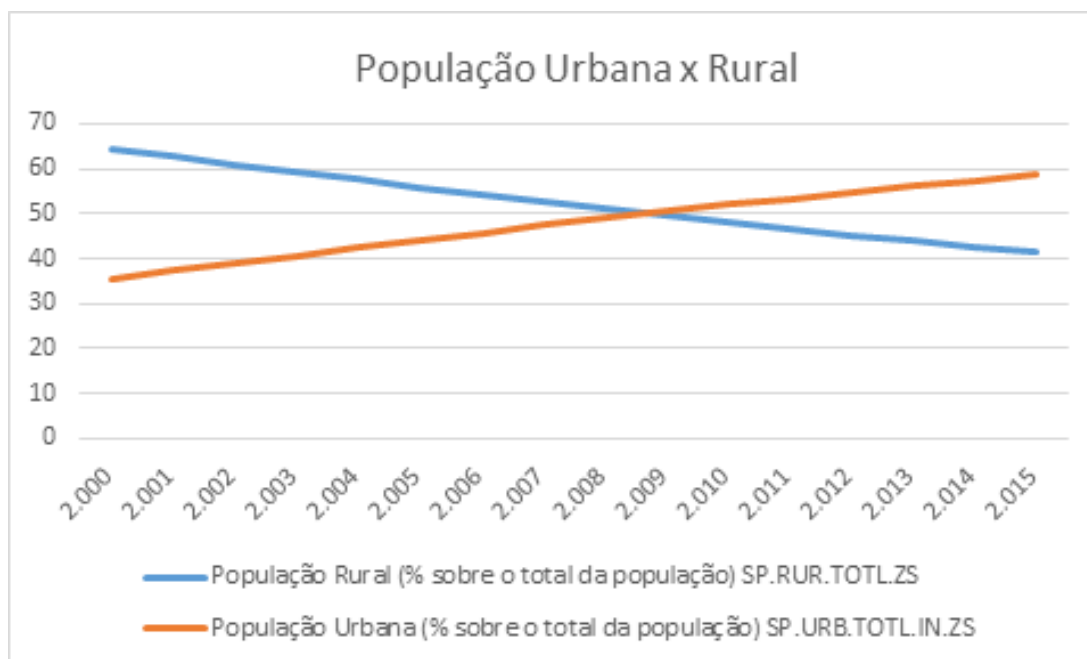
Nota: Os dados obtidos estavam intercalados de 5 em 5 anos.

O êxodo rural foi intensificado durante a presença da missão de paz. Isso se deve à falta de recursos nas zonas rurais (menos abrangida pelo atendimento das equipes e quase sempre mais prejudicada pelos fenômenos naturais) que leva os

³ Dados de 2012. Informação disponível em <http://www.defesa.gov.br/relacoes-internacionais/missoes-de-paz/o-brasil-na-minustah-haiti> - acessado em 02/11/16

moradores às cidades em busca de água, comida e remédios. Mas, segundo dados da Agência Americana de Inteligência dos Estados Unidos – CIA (2000), dois terços da força de trabalho haitiana dependiam da estrutura agrícola.

GRÁFICO 1 - POPULAÇÃO URBANA X RURAL



FONTE: BANCO MUNDIAL, 2016. Elaboração própria.

Estima-se que neste ano (2016), após a passagem do Furacão Matthew, o êxodo rural se intensifique ainda mais (CASARES, 2016). Com as plantações completamente devastadas e longe do alcance das tropas de ajuda humanitária, os haitianos migraram para a capital e para as grandes cidades em busca de condições de vida. Em entrevista ao site RFI (2016), Gilbert Jean, prefeito de Dame-Marie, cidade do interior, explica que mesmo que existam recursos a serem enviados para determinadas cidades, eles não têm um meio de chegar até elas, uma vez que o furacão destruiu tudo – incluindo as estradas de acesso aos municípios.

TABELA 2 - INDICADORES DEMOGRÁFICOS

	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
População (milhões de habitantes)	8,40	8,55	8,69	8,83	8,98	9,12	9,26	9,41	9,56	9,71	9,85	10,00	10,14	10,29	10,43	10,57	10,71
Crescimento Populacional (em %, anual)	1,75	1,71	1,66	1,62	1,59	1,58	1,57	1,56	1,56	1,54	1,51	1,48	1,44	1,41	1,37	1,34	1,31
População com idade de 0 a 14 anos (% do total)	40,84	40,33	39,87	39,40	38,92	38,45	38,00	37,55	37,13	36,73	36,32	35,88	35,48	35,05	34,60	34,16	33,74
População com idade de 15 a 64 anos (% do total)	55,10	55,59	56,01	56,45	56,89	57,33	57,76	58,15	58,52	58,87	59,25	59,66	60,02	60,43	60,86	61,27	61,63
População com idade igual ou maior que 65 anos (% do total)	4,06	4,08	4,12	4,15	4,18	4,21	4,24	4,30	4,35	4,40	4,44	4,46	4,50	4,52	4,55	4,58	4,63
Densidade Populacional (habitantes por km²)	305	310	315	321	326	331	336	341	347	352	358	363	368	373	378	384	389

FONTE: BANCO MUNDIAL, 2016. Elaboração própria.

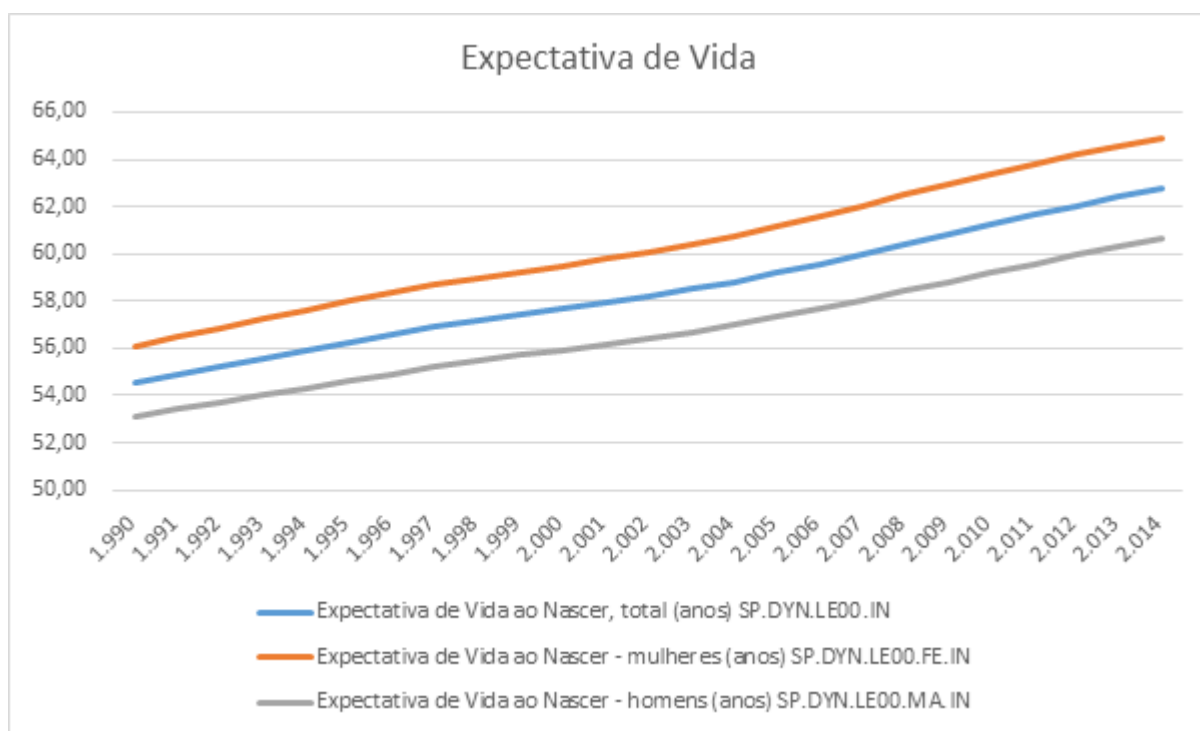
4.2 A PRECARIEDADE NA SAÚDE

Fora do foco inicial da MINUSTAH, a prestação de serviços da área da saúde se tornou imprescindível. Não existe no país um serviço de saúde público – e só o fato de precisar pagar por um atendimento já exclui grande parte da população da abrangência do serviço. Dados de 2007 da revista Saúde nas Américas, mostrava que 47% da população não tem acesso básico à saúde, 50% não tem acesso à medicamentos, nem mesmo os básicos. O gasto per capita com saúde em 2003 era de apenas US\$16,74.

A alta taxa de mortalidade infantil no país é extremamente preocupante. Até o início da missão eram 95 mortes para cada 1.000 nascidos vivos. Isso representava quase 10% das crianças do país mortas antes mesmo dos 5 anos. Em 2015, esse número caía para 70, mas ainda é o dobro da vizinha República Dominicana, com 35 mortes (BANCO MUNDIAL, 2016).

A expectativa de vida (para ambos os sexos) no país era de apenas 54 anos no início da década de 1990. Na análise detalhada, a expectativa das mulheres era de 56 anos e dos homens 53. Essa estatística passou para 58 anos (para ambos os sexos) em 2003, mas foi acelerada após as iniciativas da missão, passando para 62,40 anos em 2013, conforme gráfico a seguir. Espera-se que nos próximos anos esse dado melhore, uma vez que as diversas ações desenvolvidas hoje devem refletir no longo prazo, aumentando a qualidade de vida e por consequência a expectativa de uma vida mais longa para a população.

GRÁFICO 2 - EXPECTATIVA DE VIDA



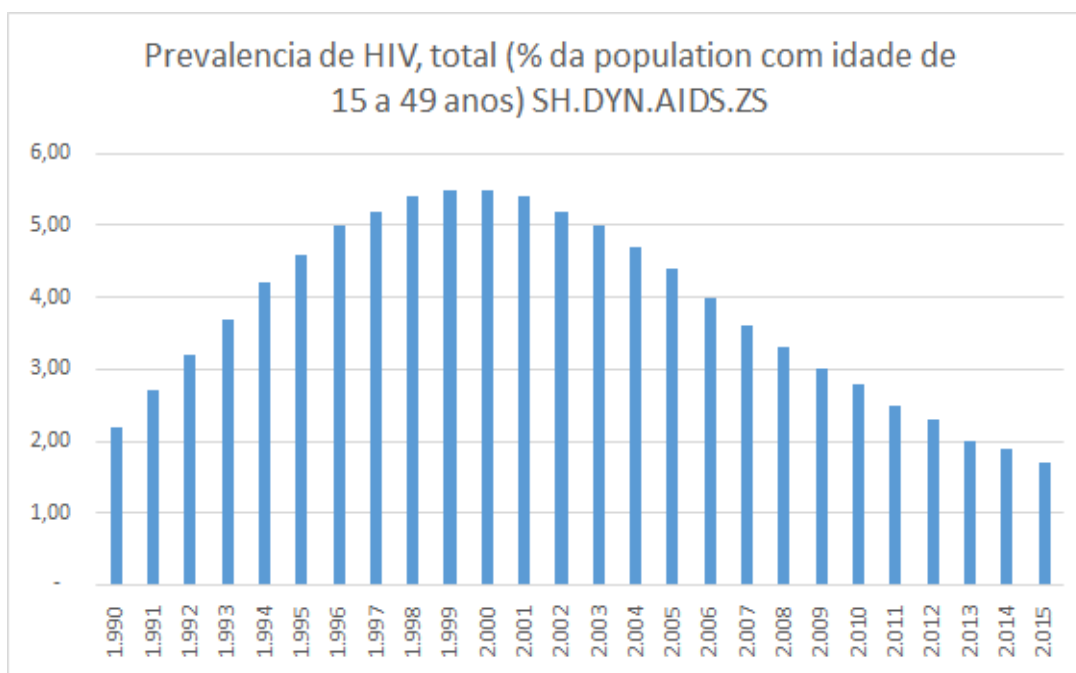
FONTE: BANCO MUNDIAL, 2016. Elaboração própria.

Um grave problema que afeta não só as crianças, mas também a população adulta, é a subnutrição. Após o início da missão houve uma queda de 57% em 2003 para 49,3% da população, mas este número voltou a subir em 2012, assim como o déficit alimentar. O Haitiano consome cerca de 600 kcal a menos por dia do que o recomendado pela OMS (Organização Mundial da Saúde). Essa deficiência alimentar explica o fato de que mais de 60% das crianças sofrem de anemia, número que aumentou após 2010. E não só as crianças sofrem desse problema, mas também as mulheres adultas. Em 2003 eram cerca de 50% delas, número que caiu para 37% em 2011 (BANCO MUNDIAL, 2016).

O HIV também é um problema urgente. No início dos anos 1990, observou-se um aumento alarmante dos casos de HIV/AIDS no país, que chamou a atenção de vários órgãos de saúde do mundo. Dez anos mais tarde (2000), 5,5% da população havia contraído o vírus, gerando um alerta de epidemia. Em 2003, antes da entrada da missão, 5% da população convivia com o vírus. Isso levou a missão a criar uma unidade para difundir a importância da prevenção, a realização de exames de detecção e a conscientização da população sobre como é possível viver com o vírus.

O trabalho teve um resultado bastante positivo e, de acordo com dados de 2015 do gráfico 3, esse número já havia diminuído, com 1,7% da população infectada.

GRÁFICO 3 - PREVALÊNCIA DE HIV (% DA POPULAÇÃO COM IDADE DE 15 A 49 ANOS)



FONTE: BANCO MUNDIAL, 2016. Elaboração própria.

Do início da missão, em 2004, até os dias atuais, o gasto *per capita* com saúde cresceu, passando para US\$ 61,46 em 2014, segundo dados do Banco Mundial (2016). Mas garantir a melhoria da saúde dos haitianos está relacionada também com gastos na área de saneamento básico e acesso à água tratada. A cólera, cujos surtos costumam ocorrer a cada desastre natural, tem origem justamente na falta de serviços de tratamento de água e saneamento básico. Em 2003, 33% da população tinha o costume de defecar em locais públicos ou abertos. Esse número se reduziu para 19% em 2015, mas ainda mostra que é necessário promover uma mudança de comportamento na população para que esse problema seja resolvido. O acesso à água tratada foi um indicador que não teve uma evolução significativa, passando de 60%, em 2003, para 57,7%, em 2015 (THE WORLD BANK, 2016). Graças a essa dificuldade de encontrar água tratada, um novo surto de cólera teve início nesse ano, após a passagem do Matthew, segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (2016).

Em 2010, paralelamente às ações desenvolvidas pela MINUSTAH, criou-se a Cooperação Tripartite. Nela o Brasil, Cuba e Haiti desenvolvem ações prioritárias nas

áreas de imunização, vigilância epidemiológica, comunicação em saúde e assistência. Além disso, investimentos na capacitação e formação de recursos humanos na área de saúde, a construção de três hospitais comunitários de referência e do Instituto Haitiano de Órteses e Próteses, bem como a reforma do laboratório de saúde pública têm sido feitos e o objetivo é suportar o Ministério da Saúde Pública e da População da República do Haiti (MSPP) que deve assumir as ações sem o auxílio de outros países no futuro. O princípio é de cooperação e não de mera assistência, ressaltado pelo MSPP, que não quer ser substituído por nenhuma instituição de fora do país, qualquer que seja sua origem.

4.3 O ACESSO ÀS TECNOLOGIAS

A situação de extrema pobreza no Haiti fica evidenciada quando analisamos outros dados de abrangência e acesso a serviços, conforme tabela 3 a seguir.

O acesso a eletricidade abrangia apenas 31% da população em 1999. Dez anos mais tarde, o número permanecia praticamente estático. Dados do Banco Mundial (2016) mais recentes indicam que este número tem aumentado lentamente, atingindo 33,9% da população em 2010 e 37,9% em 2012. As linhas de telefonia móvel somavam 10.000 em 1998. Com a popularização da aquisição dessas linhas elas passaram a somar 400.000 linhas em 2004. De lá para cá cresceram exponencialmente e, em 2015, somavam quase 7,5 milhões de linhas. Em contrapartida, as linhas de telefone fixo passaram por uma tendência de alta de 1990, onde existiam 45.000 linhas e chegaram a atingir 150.000 em 2006, mas desde então passaram a cair. Especialmente em 2010, após o terremoto que destruiu o país, esse número caiu para menos da metade, chegando a 50.000. Em 2015, esse número era ainda menor, 41.000 linhas, conforme tabela 3.

O número de usuários de internet também teve um aumento bastante expressivo de 1996 até os dias atuais, passando de 0,01% em 1996 para 1,65% em 2003 e crescendo rapidamente desde então, atingindo a marca de 12,2% em 2015. É um crescimento significativo, mas esse número ainda é baixo se comparado com os dados de países vizinhos. Cuba, por exemplo, tem 31,11% da população com acesso à internet em 2015. Na República Dominicana são 51,93% da população com internet disponível (BANCO MUNDIAL, 2016).

TABELA 3 - INDICADORES DE TELECOMUNICAÇÕES

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Número de Linhas Telefônicas Móveis (mil unidades)	500	1200	2500	3200	3648	4000	4200	6095	7160	6769	7412
Número de Linhas Telefônicas Fixas (mil unidades)	145	150	108	108	107	50	50	50	41	41	41
Usuários de Internet (por 100 pessoas)	6,38	6,80	7,20	7,60	8,10	8,37	9,00	9,80	10,60	11,40	12,20

FONTE: BANCO MUNDIAL, 2016. Elaboração própria.

5 ECONOMIA DO HAITI

Ocupando a posição de 149^o economia de exportação do mundo (de 220), de acordo com dados de 2014 do Observatório de Complexidade Econômica (OEC) do Massachusetts Institute of Technology (MIT), o Haiti tem sua economia baseada na agricultura - e não se trata de agricultura de exportação, boa parte das plantações são para agricultura de subsistência. Pouco do que se produz ali é exportado e, graças à enorme desvalorização da moeda⁴ nos últimos anos, as exportações somam valores bastante baixos.

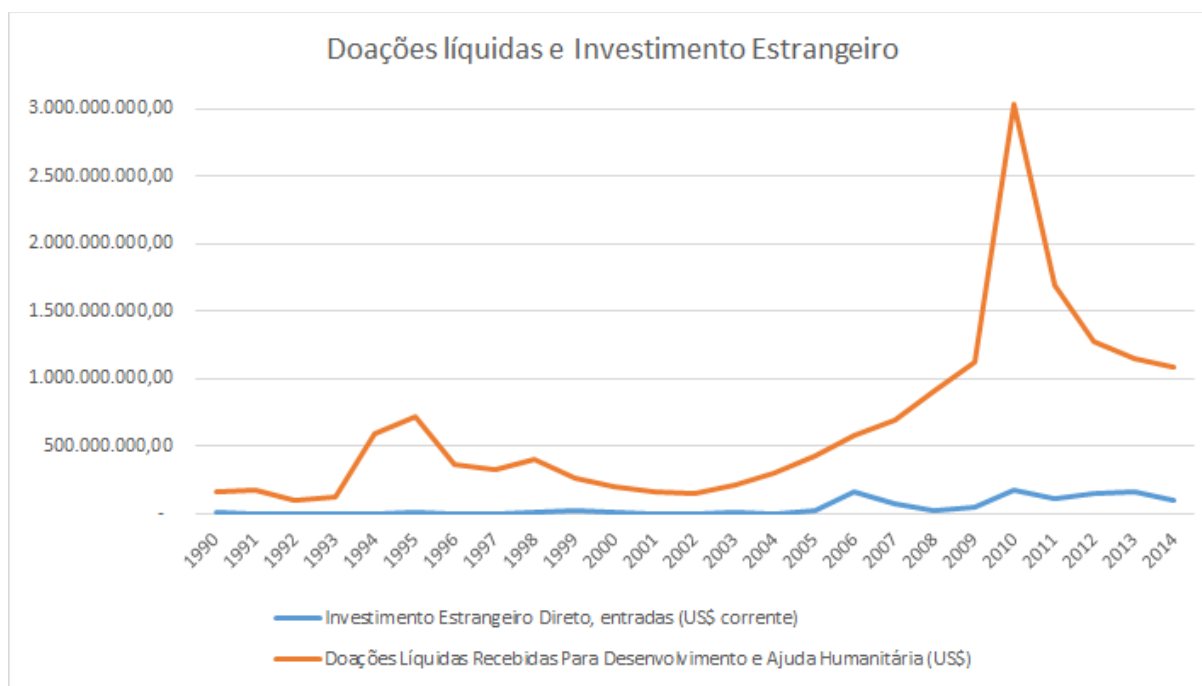
A economia haitiana vem sobrevivendo, basicamente, graças às doações internacionais. A falta de confiabilidade nos governos, somada à suscetibilidade do território à desastres naturais – como já citado, o país fica numa região de grande movimento tectônico e na rota de formação de ciclones e furacões –, faz com que investir em indústrias ali se torne um negócio arriscado demais. Investimentos estrangeiros não são recebidos, pelos mesmos motivos. No final dos anos 1990, as entradas de recursos estrangeiros chegaram a representar 0,72% do PIB nacional, passando a variar entre 0,12% e 0,42% no período de 2000 a 2003. Desde 2004 esse valor passou a variar com mais intensidade, mostrando que mesmo com a entrada da missão da ONU no país, a confiança do investidor estrangeiro não aumentou de forma significativa, representando hoje cerca de 1,2% do PIB conforme dados do Banco Mundial.

Em contrapartida, o volume de ajuda internacional cria uma dependência difícil de desconstruir. Conforme dados do Banco Mundial presentes no gráfico 4, durante a década de 1990, essas doações oscilaram significativamente, mas sempre na casa dos milhões de dólares – o ponto máximo do período foi 722 milhões de dólares em 1995, época em que os Estados Unidos comandaram uma invasão para restaurar a democracia do país, mas o valor médio recebido nesse período (1990 – 1999) foi de 325 milhões de dólares. No início da década seguinte, até a entrada da MINUSTAH, a entrada desses recursos diminuiu, ficando, na média, em 209 milhões de dólares. Mas esse valor passou a crescer consideravelmente, superando 1 bilhão de dólares em 2009. No ano seguinte, com o devastador terremoto, atingiu 3 bilhões

⁴ A moeda atual no Haiti é a Gourde (HTG), segundo dados do Banco Central do Brasil (2016).

de dólares em doações arrecadadas. Nos anos posteriores até 2014, ficaram na média de 1,2 bilhões, valor bastante expressivo para um país do porte do Haiti.

GRÁFICO 4 - DOAÇÕES LÍQUIDAS RECEBIDAS PARA DESENVOLVIMENTO E AJUDA HUMANITÁRIA E INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIREITO (US\$)



FONTE: BANCO MUNDIAL, 2016. Elaboração própria.

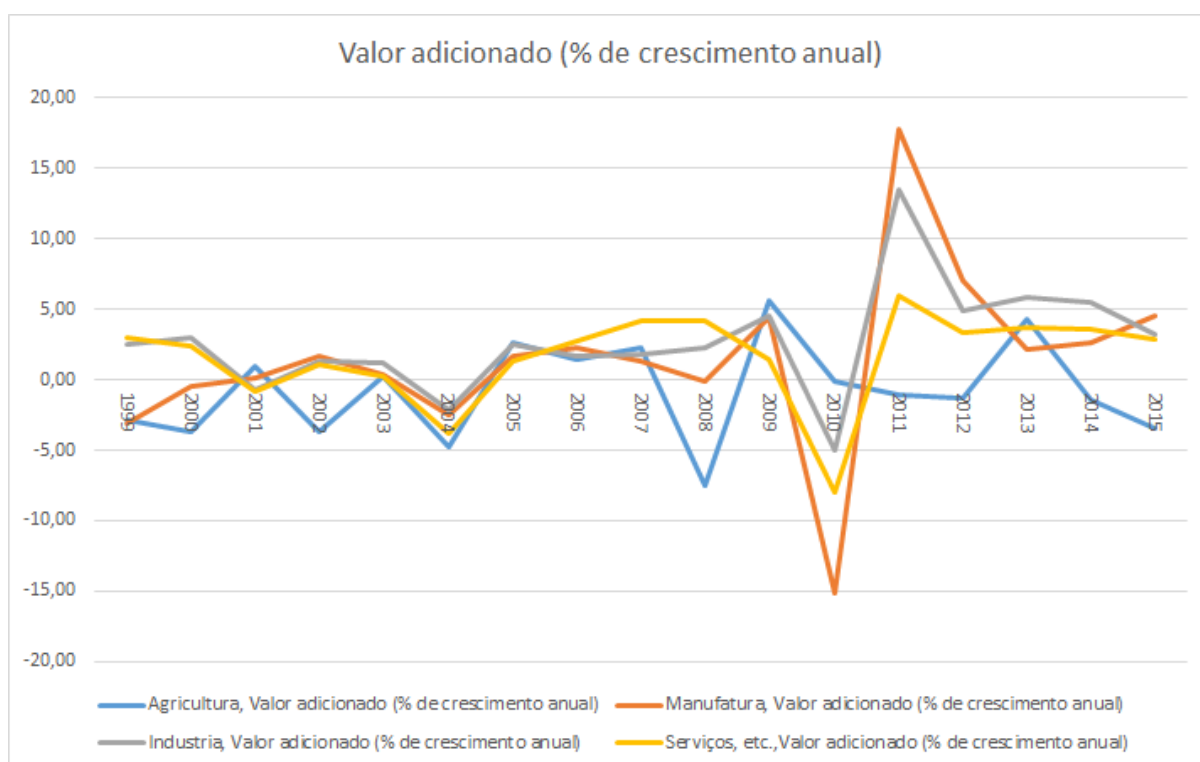
Ainda que as doações sejam feitas para ajudar na reconstrução do país e garantir que a população tenha condições mínimas de sobrevivência, elas geram pouca ou nenhuma fonte investimento produtivo para a população, que segue dependente delas para continuar vivendo. A ajuda recebida chegou a representar 21% do PIB em 2010, que é uma exceção, mas ela ainda representa cerca de 5% do PIB nos demais anos observados. Isso é mais de quatro vezes o valor do investimento estrangeiro, dados do gráfico 4.

Nesse sentido é importante salientar a necessidade de fomentar o desenvolvimento do país “Desenvolvimento é a utilização de um excedente, o qual abre um horizonte de opções, vale dizer, um excedente adicional cria um desafio à inventividade”. (FURTADO, 2012, p. 43).

Tornar-se uma economia forte e capaz de gerar condições satisfatórias para os habitantes está longe de se tornar uma realidade. Analisando os dados macroeconômicos do país, podemos verificar que ao final dos anos 1990, o PIB

oscilava entre o baixo crescimento e a estagnação. Essa variação foi menor após 2004, onde o país pode experimentar um período de altas sucessivas até o ano de 2010. Por conta do devastador terremoto, o PIB teve uma retração de 5,5%, mas novamente voltou a crescer a partir de 2011. Ainda assim, o PIB haitiano somou US\$18.874.759.924,82 no ano de 2015, um valor 3,5 vezes menor que o PIB da vizinha República Dominicana (BANCO MUNDIAL, 2016). Isso reflete a dificuldade do país em criar bases para a produção, seja ela agrícola ou industrial. No gráfico a seguir, apresentaremos um resumo das atividades econômicas da nação e o valor adicionado no crescimento anual entre os anos de 1999 e 2015.

GRÁFICO 5 - VALOR ADICIONADO (% DE CRESCIMENTO ANUAL)



FONTE: BANCO MUNDIAL, 2016. Elaboração própria

Ainda com base nos dados do gráfico acima, podemos verificar que, apesar de pouco representativa, a indústria, de maneira geral, é o setor que mais tem apresentado crescimento no país. A indústria mais representativa é a têxtil, respondendo por 2/3 do total de exportações do país. O crescimento dessa indústria é baseado no baixíssimo custo de mão de obra local, além da isenção de tarifas para exportar a produção aos Estados Unidos. A indústria de mineração, com extração de

bauxita, é relativamente recente, mas tem apresentado um importante crescimento. A indústria de manufatura, que ocupa um espaço considerável, produz açúcar refinado, farinha, cimento e componentes elétricos. A indústria de manufatura emprega cerca de 9% da população e contribui com cerca de 20% do PIB (ECONOMY WATCH, 2010). É o segmento que apresenta melhor evolução ao longo dos anos, com menos quedas e recuperação mais rápida após o terremoto de 2010. A falta de investimentos é a maior barreira ao crescimento destas indústrias. A agricultura contribui com cerca de 25% do PIB, produzindo coca, cacau, manga e café – estes últimos também para exportação. Arroz e outros grãos são os principais produtos importados. Entretanto, podemos observar que, ao longo dos anos observados, a agricultura é o segmento que mais apresenta variações. O setor de serviços responde por cerca de 50% do PIB, sendo o turismo a principal atividade. Entretanto, a pobreza e a violência que persistem no país desencorajam os turistas a desembarcarem no país. Especialmente após 2010, com a devastação do país, o turismo tem diminuído drasticamente.

O setor público do Haiti representa uma parte pouco produtiva do setor de serviços, um legado do ditador Duvalier, que criou vários cargos públicos para aqueles que suportavam seu governo. Serviços sociais, entretanto, são praticamente inexistentes. Comércio varejista e transporte são os principais serviços do segmento, inclusive com um grande número de empregados informais, especialmente nas áreas rurais. Poucas lojas varejistas modernas existem no país e produtores de pequenas vilas tem que sobreviver de sua própria produção ou de produtos básicos que estão disponíveis em pequenos mercados nos vilarejos.

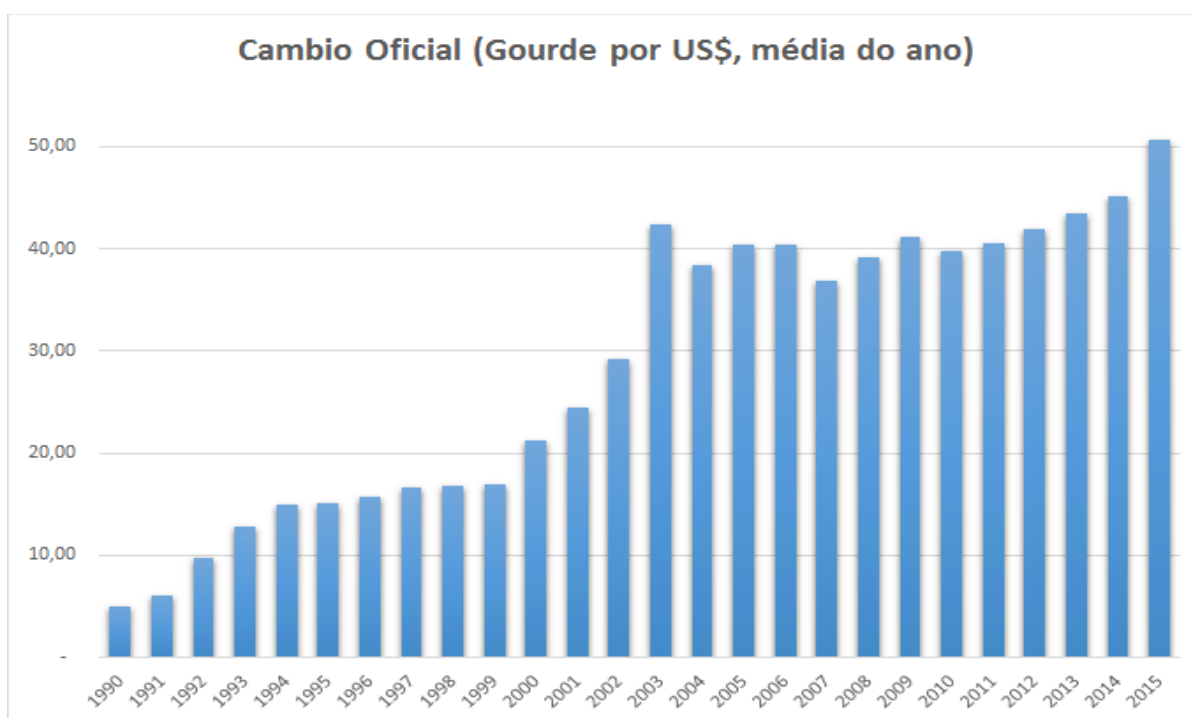
O comércio geral – interno, importações e exportações - representava cerca de 38% do PIB ao longo dos anos 1990. Cresceu na década seguinte, mas passou a apresentar uma rápida evolução a partir de 2003, ficando em torno de 58% do PIB. Após o ano de 2010, onde por conta do terremoto o comércio representou 80% do PIB, o percentual se manteve em torno de 72%. Isso mostra o quanto a economia depende de um setor que não produz nenhum bem, apenas comercializa o pouco que ali se produz e importa os produtos de primeira necessidade que não são encontrados no país.

A inflação no país é um fator muito preocupante. No início da década de 2000, a inflação marcou 11%, mas chegou a alarmantes 26% em 2003. Até o ano de 2006, seguia num patamar acima de 10%. A partir de 2009 teve uma redução, ficando abaixo

dos 10% em todos os anos, mas oscilando muito. De 3,7% em 2009, saltou para 5,45% em 2010 e 7,51% em 2011. Em 2014, final do período observado, a inflação marcava 8,28%.

Com base na análise dos dados da inflação, é possível deduzir que sua causa é majoritariamente de custos. Viceconti (2007), define a inflação de custos como sendo provocada pela diminuição da oferta agregada, mas a demanda agregada segue constante ou crescente. Tem origem nas quedas de produção e aumento dos preços de importados. Neste ano (2016), é esperada uma inflação de 14%, reflexo de uma crise na produção de alimentos, afetada pela seca e pelo furacão Matthew e cerca de 3 milhões de pessoas precisam de ajuda para conseguir alimentos.

GRÁFICO 6 - CÂMBIO OFICIAL (GOURDE POR US\$, MÉDIA DO ANO)



FONTE: BANCO MUNDIAL, 2016. Elaboração própria.

Com relação ao câmbio, outra variável que influencia diretamente os resultados da economia, podemos observar que em 1990 eram necessários 5 gourdes para comprar 1 dólar. Ao longo da década, esse número triplicou, passando a 16,93 gourdes por dólar em 1999. Mas foi a partir de 2000 que a taxa de câmbio aumentou

com mais força. Oscilando bastante, chegou a 50 gourdes por dólar em 2015⁵, conforme o gráfico abaixo.

É nesse contexto de declínios constantes da economia haitiana que Porto-Gonçalves (2010) explana a total falta de estrutura que o país se encontra desde a independência, passando por tantos golpes e problemas (não somente políticos, mas também naturais). Para ele, a América como um todo ainda enfrenta a contradição de liberdade não somente dos países que se instauraram por lá junto da Minustah, mas também dos “senhores locais”⁶ que não pretendem deixar que o país, de fato, seja independente.

O autor insiste quando afirma que

“o Haiti expõe ao extremo as contradições do sistema mundo moderno-colonial haja vista ter sido o primeiro país do mundo a querer fazer a dupla emancipação: a do sistema de poder mundial moderno-colonial e a das oligarquias latifundiárias escravocratas” (PORTO-GONÇALVES, 2010, p. 1).

Não é de se espantar, de acordo com Porto-Gonçalves (2002), que haja um novo combate na nova configuração geopolítica do mundo, em que as periferias são controladas de maneira ferrenha para que não se instaure um motim nacional em busca da tão esperada independência política e econômica. Milton Santos (1996) ainda afirma que o globalitarismo⁷ é emergente e que atrapalha as relações do mundo atual.

⁵ Segundo o BCB (2016) e conforme cotação do dia 01 de dezembro de 2016, 1 USD equivaleria a 67,5 HTG

⁶ Referência aos senhores feudais da Idade Média. Aqui, usamos como donos das terras.

⁷ Termo utilizado pelo autor, o qual se refere ao que ele chama de segunda fase da globalização, em que as camadas mais abastadas se sobrepõem às populares, seja no âmbito econômico, seja no âmbito social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscou-se apresentar a situação recente do Haiti e suas evoluções após o início da missão da ONU, a MINUSTAH.

Verificou-se que o Haiti tem um passado de lutas constantes. Foi o primeiro país de população majoritariamente negra a conseguir a abolição da escravidão, teve uma independência precoce, mas desde então luta contra a corrupção e contra governantes sem nenhum interesse no país e na população, que muitas vezes acabam tomando o poder à força e instituem uma ditadura. Mesmo sob supervisão de instituições internacionais como a ONU, ainda encontram formas para tentar fraudar eleições, impedir candidatos eleitos de assumirem e dar sua própria interpretação à constituição. Não bastasse isso, ainda é constantemente vítima de intempéries naturais, que devastam o país e matam milhares de pessoas – durante e depois dos desastres.

A precariedade em que vive a população é algo preocupante. O Haiti é um país latino americano com índices próximos aos dos países subsaarianos, com uma lenta evolução nos indicadores sociais. Pudemos verificar que após o início da MINUSTAH houve avanços, ainda que lentos, em áreas como saúde e saneamento básico. Por consequência, podemos observar um aumento da expectativa de vida e uma redução da mortalidade infantil. A missão, inicialmente, não tinha por finalidade o auxílio nessas áreas, mas foi ganhando uma dimensão maior conforme constatou-se a situação lamentável do país. Apesar dos esforços, ainda persistem os muitos casos de subnutrição e o déficit alimentar se mantém num nível elevado. Isso ajudaria a explicar o aumento do êxodo rural após o início da missão, uma vez que o acesso aos recursos e a ajuda é mais fácil nas cidades e não nas zonas rurais.

A missão não teve impactos apenas nas áreas de saúde, mas também de infraestrutura. A parceria com o exército brasileiro, que destacou militares para desenvolverem trabalhos na área de engenharia e infraestrutura, colaborou para a ampliação do acesso a água potável, reparação de estradas, construção e reforma de instalações civis e militares, remoção de entulhos e terraplanagem.

Com relação à economia, não é possível visualizar melhorias ou evolução que possam ser diretamente relacionadas à MINUSTAH. Com a chegada da missão ao país houve um aumento nas doações recebidas para a reconstrução e ajuda

humanitária, porém não houve grande impacto de investimentos em infraestrutura e produção.

É necessário que se invista na produção, seja ela agrícola ou industrial, de forma que a população precise importar menos, exportar mais e ter sua oferta interna estabilizada, sem sofrer tantas oscilações, especialmente na produção de alimentos. Mas não apenas desenvolver meios de produção, é necessário desenvolver meios de produção capazes de sobreviver aos desastres naturais. Porém, infelizmente, isso é um objetivo muito difícil de ser alcançado quando se trata da produção de alimentos – principal necessidade da população.

Além de fortalecer a produção, é necessário recuperar a imagem do Haiti junto aos demais países. Os problemas políticos do país, somados à economia frágil, afastam não só a entrada de capital estrangeiro, mas também as relações exteriores. Encontrar novos parceiros no comércio exterior pode beneficiar o país na busca por produtos de importação mais baratos, além de abrir portas para o setor exportador.

Os elevados custos da ocupação com a intervenção militar poderiam ser mais produtivos se dedicados à cooperação técnica e à solidariedade social. Seria um impulso bom para a energia criadora do Haiti. O Haiti precisa de solidariedade, de médicos, de escolas, de hospitais, de uma verdadeira colaboração que lhe permita de reestruturar a soberania.

REFERÊNCIAS

BANCO MUNDIAL, The World Bank. **World Development Indicators**, 2016. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/country/haiti>>. Acesso em 14 out. 2016.

BCB - BANCO CENTRAL DO BRASIL. Tabela de moedas. Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/pec/taxas/batch/tabmoedas.asp?id=tabmoeda>>. Acesso em 01 dez 2016.

BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL; Mapa da República Dominicana. Disponível em: <<https://www.wdl.org/pt/item/11320/>>. Acesso em 14 nov. 2016.

BID, Banco Interamericano de Desenvolvimento. Disponível em: <www.iadb.org/en/countries/haiti/haiti-and-the-idb,1008.html>. Acesso em 24 nov. 2016.

CASARES, Andres M. **Após passagem de furacão Matthew, Haiti pode ter novo êxodo rural**. RFI. 11/10/2016. Disponível em: <<http://br.rfi.fr/americas/20161011-apos-passagem-de-furacao-matthew-haiti-pode-ter-novo-exodo-rural>>. Acesso em 24 nov. 2016.

CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU. **Resolução 1542 (2004)**. 30/04/2004. Disponível em: <<http://minustah.unmissions.org/sites/default/files/res1542.pdf>>. Acesso em 12 nov. 2016.

CORBELLINI, M. D. **Haiti: da crise à MINUSTAH**. 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/17674>>. Acesso em 28 nov. 2016.

ECONOMY WATCH, Haiti Industry Sectors. 16/03/2010. Disponível em: <http://www.economywatch.com/world_economy/haiti/industry-sector-industries.html>. Acesso em 25 nov. 2016.

FURTADO, C. **Ensaio sobre cultura e o ministério da cultura**. Rosa Freire D'Aguiar (org.). Rio de Janeiro: Contraponto, Centro Internacional Celso Furtado, 2012.

GALEANO, Eduardo. **Haiti, esse país que continua pagando por seu pecado de dignidade**. Publicado na Brecha, Montevideu, 05 de janeiro de 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/2h6hjAv>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

GOENDER, Jacob. **O épico e o trágico na história do Haiti**. Estudos avançados 18 (50), 2004. Estud. av., abr. 2004, vol.18, no.50, p.295-302. ISSN 0103-4014

EMBASSY OF HAITI, Washington, DC. Disponível em: <http://www.haiti.org/>. Acesso em 12 nov. 2016.

LEITE, Marcos V. C. **Haiti: nova transição política, velhos problemas**. 10/03/2016. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-grri/haiti-nova-transicao-politica-velhos-problemas>>. Acesso em 15 nov. 2016.

LEVINO, José. **Haiti – Primeira República Independente da América Latina**. 21/09/2011. Disponível em: <<http://averdade.org.br/2011/09/haiti-primeira-republica-independente-da-america-latina/>>. Acesso em 20 nov. 2016.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **Histórico do Haiti - Exército Brasileiro**. Disponível em: <<http://www.eb.mil.br/web/haiti/historico>>. Acesso em 27 nov. 2016

OBSERVATÓRIO DE COMPLEXIDADE ECONÔMICA (OEC), Massachusetts Institute of Technology (MIT). **Haiti (HTI) Exportação, Importação e Parceiro Comercial**. Disponível em: <<http://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country/hti/>>. Acesso em 27 nov. 2016.

OFFICE OF THE HISTORIAN, Bureau of Public Affairs. **U.S. Invasion and Occupation of Haiti, 1915–34**. Disponível em: <<https://history.state.gov/milestones/1914-1920/haiti>>.

PÉAN, Leslie. *L'occupation américaine d'Haïti et le vrai visage de Sténio Vincent*. 17/07/2013. Disponível em: <<http://www.alterpresse.org/spip.php?article14880#.WDo4o-YrKUI>>. Acesso em 24 nov. 2016.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **O Haiti é aqui**. Brasil De Fato. Ed. 30 de novembro de 2010. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/node/5163/>. Acesso em 01 dez 2016.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana**. De los saberes de la emancipación y de la dominación. P. 37-52, 2002. Disponível em http://www.posgeo.uff.br/sites/default/files/texto_carlos_walter.pdf. Acesso em 01 dez de 2016.

ROSA, Renata de Melo; PONGNON, Vogly Nahum. **A República do Haiti e o processo de construção do Estado-nação**. Revista Brasileira do Caribe [en linea] 2013, XIII (Enero-Junio). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=159128818007>>. Acesso em 27 nov. 2016. ISSN 1518-6784

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

TOUSSAINT LOUVERTURE. In Britannica Escola Online. **Enciclopédia Escolar Britannica**, 2016. Web, 2016. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/482697/Toussaint-Louverture>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

WATKINS, T; VALLEY, S; ALLEY, T. **Political and Economic History of Haiti**. Disponível em: <<http://www.sjsu.edu/faculty/watkins/haiti.htm>>. Acesso em 13 nov. 2016.